

JOHN CONNOLLY

# OS TRÊS DEMÓNIOS

Tradução de Vasco Gato

*Bagdade*

*16 de abril de 2003*

Foi o Dr. Al-Daini quem encontrou a rapariga, abandonada no longo corredor central. Estava soterrada sob vidros partidos e cacos de cerâmica, roupas abandonadas, peças de mobília e jornais antigos, usados como material de embrulho. Estaria praticamente invisível no meio do pó, do entulho e da escuridão, mas o Dr. Al-Daini, que passara décadas a revirar areia e pedra em busca de raparigas como ela, divisou-a onde outros nem teriam olhado uma segunda vez.

Só a cabeça estava à vista, os olhos azuis abertos, os lábios manchados de um vermelho mortiço. Ajoelhou-se ao lado dela e sacudiu-lhe alguns detritos de cima. Lá fora, ouviam-se gritos e o ruído surdo de tanques em movimento. De repente, uma luz intensa iluminou o corredor, e apareceram homens armados, gritando ordens, embora tivessem chegado tarde de mais. Outros iguais a eles haviam ficado de braços cruzados enquanto aquilo acontecera; tinham outras prioridades. Não se importaram com a rapariga, mas o Dr. Al-Daini importava-se. Reconhecera-a de imediato, pois sempre fora uma das suas preferidas. A sua beleza cativou-o mal passara os olhos nela; nos anos que se seguiram, todos os dias passava uns minutos em tranquilidade a seu lado, cumprimentando-a ou ficando simplesmente ali, a devolver-lhe o sorriso.

Talvez ainda fosse possível salvá-la, pensou, embora tivesse reconhecido, ao remover com mil cuidados madeira e pedra, que já

pouco havia a fazer. O corpo estava esstraçalhado, despedaçado num ato de profanação desprovido de qualquer sentido para ele. Aquilo não tinha sido fortuito, mas deliberado: conseguia distinguir marcas no chão onde botas lhe tinham triturado as pernas e os braços, reduzindo-os a fragmentos pouco maiores do que a areia e o pó nos quais ela agora repousava. No entanto, estranhamente, a cabeça escapara ao pior, sem que o Dr. Al-Daini soubesse dizer se isso tornaria aquilo que lhe fora imposto menos horrível ou mais terrível.

– Oh, minha pequenina – sussurrou, acariciando-lhe ao de leve a face. Tratava-se da primeira vez que lhe tocava em quinze anos.  
– O que é que te fizeram? O que é que fizeram a todos nós?

Ele deveria ter ficado. Não deveria tê-la abandonado, não deveria ter abandonado nenhuma delas, mas houvera um combate entre os Fedayin e os norte-americanos junto ao Ministério da Informação, com disparos e explosões a retumbarem nos ouvidos dos funcionários enquanto estes protegiam frisos com sacos de areia e envolviam as estátuas em espuma de poliuretano, felizes por terem pelo menos conseguido levar algumas preciosidades para um local seguro antes do início da invasão. Os confrontos haviam-se depois alastrado até à estação de televisão, a menos de um quilómetro de distância, bem como até ao terminal rodoviário, do outro lado do complexo, aproximando-se cada vez mais deles. Ele defendera a permanência; havia comida e água armazenadas na cave, mas muitos acharam que os riscos eram demasiado elevados. Apenas um dos guardas não fugiu, os restantes abandonaram as armas e fardas. No jardim do museu, havia já atiradores vestidos de negro. Os funcionários trancaram as portas principais e saíram pela dos fundos antes de fugirem rio adentro até ao lado oriental, onde aguardaram em casa de um colega que os combates terminassem.

Só que os combates não pararam. Quando tentaram regressar pela Ponte da Cidade Médica foram recambiados, voltando para casa do tal colega, onde beberam café e continuaram a aguardar. Talvez tivessem perdido demasiado tempo a tergiversar, debatendo vezes sem conta a prudência de abandonar o que, até àquele momento, era um local seguro, mas que outra coisa poderiam ter feito?

Porém, não conseguia perdoar-se, nem mitigar a culpa. Abandonara-a, e eles tinham feito dela o que bem lhes apetecera.

Agora chorava, não por causa do pó ou da imundície, mas de raiva, dor, perda. Não parou, nem quando umas botas se aproximaram dele, e um soldado lhe apontou uma lanterna à cara. Atrás, vinham outros, as armas levantadas.

– Quem é você? – perguntou o soldado.

O Dr. Al-Daini não respondeu. Não estava capaz. Só tinha olhos para os olhos da rapariga devassada.

– Fala inglês? Vou perguntar-lhe mais uma vez: quem é você?

O Dr. Al-Daini sentiu o nervosismo na voz do soldado, bem como um laivo de arrogância, a superioridade natural do conquistador sobre o conquistado. Soltou um suspiro e levantou os olhos.

– Sou o Dr. Mufid Al-Mufid Al-Daini, curador-adjunto de antiguidades romanas neste museu – disse, reconsiderando então. – Aliás, *era* o curador-adjunto de antiguidades romanas, pois do museu já nada resta. Só fragmentos. Vocês deixaram que isto acontecesse. Ficaram de braços cruzados e deixaram que isto acontecesse...

Falava mais para si do que para aqueles homens, e as palavras deixavam-lhe um travo amargo na boca. Os funcionários tinham abandonado o museu na terça-feira. No sábado, depois de saberem que havia sido saqueado, começaram a regressar, tentando avaliar os estragos e impedir novos roubos. Foi dito que o saque começara logo na quinta-feira, quando centenas de pessoas se aglomeraram junto da vedação. Durante dois dias, puderam pilhar à vontade. Corriam já boatos sobre a participação de elementos internos, guardas do próprio museu, que visaram os artefactos mais valiosos. Os ladrões levaram tudo o que pudesse ser transportado e tentaram destruir grande parte do que não conseguiram levar.

O Dr. Al-Daini e outros funcionários tinham ido ao quartel-general dos Fuzileiros suplicar-lhes que os ajudassem a proteger o edifício, receando o regresso dos saqueadores. Os tanques do Exército norte-americano estacionados a meros cinquenta metros do museu tinham-se recusado a auxiliá-los, invocando ordens superiores. Os norte-americanos acabariam por lhes prometer o envio de guardas, que só hoje, na quarta-feira, apareceriam. O Dr. Al-Daini chegara

pouco antes, uma vez que se contava entre os incumbidos de estabelecer a ligação com os soldados e a imprensa, tendo passado os dias anteriores a saltitar ao longo da hierarquia militar e a fornecer contactos aos jornalistas.

Cuidadosamente, o Dr. Al-Daini ergueu a cabeça da rapariga devassada, velha apesar da sua juventude, a tinta ainda visível no cabelo, na boca e nos olhos, volvidos quase quatro mil anos.

– Reparem – disse, ainda em lágrimas. – Reparem no que lhe fizeram.

E os soldados ficaram por instantes a olhar aquele velhote coberto de pó branco, uma cabeça oca entre as mãos, antes de prosseguirem a vistoria pelos corredores saqueados do Museu do Iraque. Eram jovens, e aquela operação tinha que ver com o futuro, não com o passado. Não houvera mortos, pelo menos ali. Aquilo eram coisas que aconteciam.

Afinal, estavam em guerra.

O Dr. Al-Daini ficou a ver os soldados afastarem-se. Olhando em volta, reparou num pedaço de pano salpicado de tinta, junto a um expositor tombado. Inspeccionou-o e, notando que se encontrava relativamente limpo, pousou nele a cabeça da rapariga, envolvendo-a então com mil cuidados e dando um nó com os quatro cantos para que fosse mais fácil transportá-la. Levantou-se a custo, a cabeça a pender-lhe agora da mão esquerda, qual verdugo levando ao seu superior a prova da ação do machado. Eram tais a naturalidade do semblante da rapariga e a perturbação e o choque em que o Dr. Al-Daini se encontrava que não o surpreenderia se o pescoço cortado começasse a sangrar, lançando sobre o piso poeirento pingos vermelhos como pétalas. Assaltavam-no lembranças de outrora; ausências como feridas abertas. As joias haviam sido arrancadas aos esqueletos; os ossos, desbaratados; as estátuas, decapitadas, para que mais facilmente se levasse um pormenor apelativo. Era curioso, pensou, que a cabeça da rapariga, com a sua extravagância, tivesse sido negligenciada, ou talvez tivesse bastado a quem quer que a tivesse partido que o seu corpo ficasse arrasado, talvez lhe tivesse bastado roubar um pouco de beleza ao mundo.

A dimensão da destruição era avassaladora. A jarra Warka, obra-prima da arte suméria de 3500 a. C., sensivelmente, e o mais antigo recipiente ritualístico em pedra entalhada do mundo, desaparecera, arrancada da base. Uma bela lira com cabeça de touro fora reduzida à condição de acendalha, uma vez roubado o ouro. A base da estátua Bassekti: desaparecida. A estátua de Entema: desaparecida. A máscara Warka, a primeira escultura naturalista de um rosto humano: desaparecida. O Dr. Al-Daini foi percorrendo as salas, substituindo tudo o que desaparecera por fantasmas, espetros – um selo de marfim aqui, uma coroa engastada acolá –, para que aquilo que outrora existira se sobrepujasse aos destroços do presente. Quase estupefacto ainda perante os estragos, o Dr. Al-Daini catalogava já a coleção de cabeça, procurando recordar a idade e a proveniência de cada relíquia para o caso de os registos não estarem disponíveis quando se iniciasse a tarefa aparentemente impossível de recuperar o que fora levado.

Relíquias.

O Dr. Al-Daini parou. Vacilou ligeiramente, os olhos fechados. Um soldado que por ali passava perguntou-lhe se se sentia bem e ofereceu-lhe água, uma pequena gentileza que o Dr. Al-Daini não conseguiu reconhecer, tal o seu desespero. Em vez disso, virou-se para o soldado e agarrou-o pelos braços, gesto que poderia ter posto termo às suas preocupações ali mesmo tivesse o soldado em questão o dedo no gatilho da arma.

– Sou o Dr. Mufid Al-Daini – disse ao soldado. – Curador-adjunto aqui no museu. Preciso de que me ajude, por favor. Tenho de ir até à cave. Preciso de verificar uma coisa. É muito, muito importante. Preciso de ajuda para chegar até lá.

O Dr. Al-Daini gesticulou na direção das silhuetas armadas mais à frente, vultos beges naqueles corredores sombrios. O rapaz que o encarava mostrou-se reticente, encolhendo os ombros.

– Primeiro vai ter de me largar – disse.

Embora não tivesse mais de vinte ou vinte e um anos, emanava uma certa autoconfiança, a descontração típica de um homem mais velho.

O Dr. Al-Daini recuou, pedindo desculpa pelo atrevimento. Na farda do soldado podia ler-se o nome «Patchett».

– Tem consigo algum documento de identificação? – perguntou Patchett.

O Dr. Al-Daini puxou da credencial do museu, mas a inscrição estava em árabe. Revirou então a carteira e encontrou um cartão de visita, escrito em árabe num dos lados, em inglês do outro, e estendeu-o. Semicerrando ligeiramente os olhos na penumbra, Patchett examinou-o e devolveu-o.

– Vamos lá ver o que se pode fazer – disse.

O Dr. Al-Daini tinha dois títulos. Para além de curador-adjunto de antiguidades romanas, designação profissional que não fazia jus à profundidade e à abrangência dos seus conhecimentos, nem, aliás, às responsabilidades adicionais que assumira oficiosamente e sem remuneração, era também o curador de artigos não catalogados, outra designação que mal deixava entrever a dimensão dos trabalhos hercúleos envolvidos. O sistema de inventário do museu era antigo e complicado, com dezenas de milhares de artigos por introduzir. Parte da cave era um labirinto de prateleiras atulhadas de artefactos, encaixotados e desencaixotados, a maior parte deles, ou a maior parte dessa mínima fração catalogada pelo Dr. Al-Daini e seus antecessores, com escasso valor monetário, embora cada objeto fosse um marco, um resquício de uma civilização irreconhecível pela mudança ou eliminada por inteiro deste mundo. Aquela cave era, para o Dr. Al-Daini, a sua parte preferida do museu. Quem saberia o que por lá se poderia encontrar, que tesouros insuspeitos se revelariam? Até ao momento, na verdade, poucos haviam sido os que descobrira, e o acervo de artigos não catalogados permanecia tão vasto como sempre, pois para cada caco de cerâmica, para cada fragmento de estátua formalmente acrescentado aos registos do museu, outros dez pareciam chegar. Portanto, à medida que ia aumentando o corpo daquilo que se conhecia, também aumentava o volume do desconhecido. Um homem inferior teria encarado tal tarefa como inútil, mas o Dr. Al-Daini era um romântico no que respeitava ao conhecimento, e a ideia de que o manancial de descobertas a fazer estava em permanente crescimento fazia-o transbordar de alegria.

Agora, de lanterna na mão, arrastando o soldado Patchett, o Dr. Al-Daini atravessava os desfiladeiros de arquivos, a chave desnecessária, pois a porta fora arrombada. Na cave, sentia-se um calor sufocante, no ar pairava um cheiro fortíssimo à espuma que os saqueadores tinham usado como tocha, uma vez que a eletricidade deixara de funcionar antes da invasão, mas o Dr. Al-Daini mal fazia caso. Prestava atenção a um ponto, a um único ponto. Também ali os saqueadores haviam deixado a sua marca, virando prateleiras, espalhando o conteúdo de caixas e caixotes, queimando até registos, embora rapidamente se tivessem apercebido de que pouco havia de digno da sua atenção, pelo que os estragos eram menores. Ainda assim, alguns artigos tinham sido levados e, quanto mais o Dr. Al-Daini se internava na cave, mais a ansiedade se fazia sentir, até que por fim chegou ao sítio desejado e contemplou o espaço vazio na prateleira. Quase desistiu, mas ainda havia uma réstia de esperança.

– Falta aqui uma coisa – disse ele a Patchett. – Peço-lhe que me ajude a encontrá-la.

– De que é que estamos à procura?

– De uma caixa de chumbo. Não muito grande – explicou o Dr. Al-Daini, esticando as mãos com um intervalo de sessenta centímetros. – Lisa, com um fecho simples e um pequeno cadeado.

Puseram-se os dois a inspecionar o melhor que puderam as alas destrancadas da cave. Quando Patchett foi chamado pelo chefe do seu pelotão, o Dr. Al-Daini continuou a busca, todo o dia e noite dentro, sem que a tal caixa de chumbo desse sinal de vida.

Quando se pretende esconder um artigo de grande valor, é boa ideia rodeá-lo de coisas inúteis. Melhor seria se o pudéssemos embrulhar nos panos mais pobres, disfarçando-o tão bem que poderia ficar à vista e nem concitar um segundo olhar. É até possível catalogá-lo como algo que não é. Neste caso, um caixão de chumbo, persa, do século XVI, contendo uma caixa selada ligeiramente mais pequena, corriqueira, supostamente feita de ferro pintado a vermelho. Data: desconhecida. Proveniência: desconhecida. Valor: mínimo.

Conteúdo: nenhum.

Tudo mentiras, sobretudo o último facto, pois, se alguém se aproximasse o suficiente dessa caixa metida noutra caixa, pensaria que algo lá dentro estaria a falar.

A falar não.

A sussurrar.

*Cabo Elizabeth, Maine*

*Maio de 2009*

A cadela ouviu chamar e dirigiu-se aborrecidamente para o cimo das escadas. Estivera a dormir numa das camas em que sabia que não deveria dormir. Pôs-se à escuta, mas não detetou nada na voz que indicasse que poderia estar em apuros. Quando a chamaram de novo e ela ouviu o barulho da trela a chocalhar, desceu os degraus a dois e dois, quase tropeçando de entusiasmo ao chegar ao fundo.

Damien Patchett serenou-a espetando um dedo e prendeu a trela à coleira. Apesar do calor lá fora, vestiu um casaco verde. A cadela farejou um dos bolsos, reconhecendo um aroma familiar, mas Damien enxotou-a. O pai estava no restaurante; a casa, em sossego. O sol entrava já no ocaso e, enquanto Damien passeava a cadela pelo bosque rumo ao mar, a luz começou a alterar-se, tingindo o céu atrás de si de vermelho e dourado.

A cadela mordida a trela, pouco habituada a ver-se presa. Regra geral, era-lhe permitido correr livremente. Assinalava o seu desagrado puxando com força. Nem sequer podia parar para farejar e, quando tentou urinar, sentiu-se arrastada, o que a fez latir. Numa bétula ali perto havia um ninho de moscardos, uma estrutura cinzenta agora sossegada, embora durante o dia fosse um aglomerado zumbidor de agressividade. A cadela já tinha sido picada no início da semana, quando se pusera a investigar na árvore um ponto de seiva cuja casca um pica-pau desimpedira para se alimentar, deixando assim uma conveniente fonte de doçura à disposição de diversos insetos, pássaros e esquilos. Começou a ganhar mal se aproximaram da bétula, recordando-se da dor e desejando passar ao

largo daquele local, mas ele acalmou-a com um afago e uma mudança de direção.

Em miúdo, Damien sentira-se fascinado por abelhas, vespas e moscardos. Aquela colónia formara-se na primavera quando a rainha, despertando de meses de sono após o acasalamento do outono anterior, começara a misturar fibras de madeira com saliva, criando uma vara de pasta de papel, à qual fora acrescentando os alvéolos hexagonais para as suas crias: primeiro, as fêmeas dos ovos fertilizados; depois, os machos dos ovos virgens. Ele acompanhara cada fase do seu desenvolvimento, tal como fazia em criança. Era esse traço de matriarcado que Damien sempre achara interessantíssimo, mais a mais porque provinha de uma família antiquada, na qual, assim acreditava ele, eram os homens quem tomava as decisões. Só mais tarde se começou a aperceber das infinitas e subtis maneiras através das quais a mãe, as avós e várias tias e primas manipulavam os machos a seu contento. Ali, naquele ninho cinzento, a rainha era mais franca na governação, dando à luz, criando defensores da colmeia, comendo e dando de comer, mantendo inclusivamente as crias quentes através de arrepios, quando o ar quente provocado pela reação do seu corpo ficava retido numa câmara em forma de campânula por ela criada.

Ele olhou para trás, para o ninho, praticamente invisível entre as folhas, como se agora hesitasse em abandoná-lo. Os seus olhos aguçados vislumbravam teias de aranha, formigueiros, uma lagarta verde a escalar uma sanguinária, todas as criaturas o interpelavam, e ele parecia guardar cada uma dessas visões.

Quando Damien estacou, no ar já pairava o aroma da maresia. Estivesse lá alguém para o ver, e teria notado que ele chorava. Tinha o rosto contorcido, os ombros em convulsões à força de soluços. Olhou em volta, para a direita e para a esquerda, como que esperando lobrigar presenças por entre as árvores, mas tudo se resumia ao canto dos pássaros e ao som da rebentação.

A cadela chamava-se *Sandy*. Era arraçada de retriever. Tinha agora dez anos e era tanto de Damien quanto do pai, apesar das longas ausências do filho, gostando de ambos por igual, tal como eles dela. Não estava a conseguir compreender o comportamento do seu

dono mais jovem, que costumava ser muito mais tolerante com ela do que o pai. A cadela sacudia indecisamente a cauda quando ele, agachando-se, atou a trela ao tronco de uma jovem árvore. Damien levantou-se então e retirou o revólver do bolso, um .38 Special, Modelo 10 da *Smith & Wesson*. Comprara-o a um comerciante que afirmara que a arma lhe viera das mãos de um ex-combatente do Vietname em maré de azar, embora Damien tivesse vindo a descobrir que esse ex-combatente a vendera para alimentar o vício de cocaína que acabaria por lhe ceifar a vida.

Damien levou as mãos aos ouvidos, a arma na mão direita agora apontada ao céu. Abanou a cabeça e cerrou os olhos.

– Por favor, para – disse ele. – Peço-te. Por favor.

A boca franziu-se-lhe, o ranho a escorrer-lhe do nariz, quando retirou as mãos da cabeça e, tremendo, apontou a arma à cadela, a centímetros do focinho. A cadela aproximou-se e farejou-a. Estava habituada àquele cheiro a óleo e pólvora, pois Damien e o pai tinham-na levado várias vezes para caçar aves, que ela depois trazia entre as mandíbulas. Abanava a cauda na expectativa, antevendo o jogo.

– Não – disse Damien. – Não me obrigues a fazer isso. Por favor.

O dedo contraiu-se no gatilho. Todo o braço lhe tremia. Com grande esforço, afastou a arma da cadela e gritou para o mar, para o ar, para o sol poente. Rangeu os dentes e soltou a cadela.

– Vai! – berrou-lhe. – Vai para casa! Vai para casa, *Sandy!*

A cauda da cadela, embora ainda a sacudir ligeiramente, enfiou-se entre as patas. Não queria ir. Pressentia algo de muito errado. Damien correu então na direção dela, apontando-lhe um pé ao traseiro mas sustentando-o no último instante. A cadela arrancou, batendo em retirada. Estacou ainda a olhar para Damien, que se lançou de novo na sua direção. Desta vez, ela seguiu em frente, parando apenas no momento do disparo.

Espetou a cabeça, refez então lentamente os seus passos, desejava de ver o que o dono abatera.